

Todos vivemos uma bipolaridade

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Tudo é uma bipolaridade, porém na sua fenomenologia externa tem certas diferenças. O ser humano é um ser bipolar e temos que manter nossa bipolaridade. Justamente uma das dificuldades, tanto da feminilidade como da masculinidade, tanto problemas nas mulheres como problemas nos homens ocorrem porque se identificaram unilateralmente com uma das suas polaridades – com a polaridade fenomenológica – a mulher quer ser feminina e o homem quer ser masculino, macho. E, ao mesmo tempo, como Jung aponta tantas vezes, cada um de nós tem que viver também a outra polaridade, mas ‘cum grano salis’, isto é, de modo adequado e dentro daquelas condições que tanto a nossa vida interna, como nossa vida externa está propondo. Conta a história que um grande guerreiro, chefe de uma tribo primitiva, teve uma visão e desde então ele tem que ser agora mulher – não sexualmente – tinha que se vestir como mulher, comer a comida das mulheres e, porém, ele teve tanto renome e respeitaram tanto que compreenderam, quando falou com o pajé sobre isto: ele teve uma visão e agora a força maior exige que ele viva esse tipo de vida. Ninguém gozou dele, ninguém fez piadas ou brincadeiras com ele. Tomaram altamente a sério o fato de que ele desde então vivia a vida de uma mulher, externamente; não amorosamente, não internamente.

A forma exterior da vida pode ser imposta, pode ser tradicionalmente configurada ou, até mesmo, rigidamente conformada pela família, pela sociedade, pela escola, até pela profissão. Essa estrutura básica – algo composto e configurado internamente – terá dificuldades para se manifestar e pode dar também origem àquilo que a gente chama conflito, neurose, desidentificação, desencontro, defasagens – tem todos esses nomes – que podem indicar isso.

Na natureza masculina, aquilo que a gente chama LOGOS – capacidade de organizar, de instituir – ainda está acoplada com a instintualidade. Naturalmente, aqui deveríamos falar um pouco sobre o instinto que basicamente é uma manifestação biológica de um arquétipo, que se expressa externamente.

Então, a instintualidade não significaria que quererá possuir todas as mulheres ou todos os tesouros do mundo, embora existam certas formas distorcidas da instintualidade que levam muitos homens a comportar-se dessa maneira. Especialmente hoje podemos observar que pessoas em posições destacadas, em gerência, ou mesmo capataz, etc., identificam o poder também com a potência, manifestação da potência. Mas não se trata disso.

A instintualidade e a capacidade de organização (Logos) são duas manifestações do mesmo arquétipo. Mas enquanto instintualidade se expressa no sacar, farejar, perceber. Isso não é intuição, é um tipo de direção – aquela direção em que deve empenhar-se e trabalhar. Essa direção, muitas vezes, aparece, no início, de uma maneira irracional, quando o homem quis pegar aquele barco a velas com tripulação e ir ao outro continente e a esposa não entende. Esse é o instinto. Por exemplo, Cristóvão Colombo, além de conhecer todos os segredos da navegação e sendo ele mesmo como um portulano vivente, ambulante, teve instinto de descobrir as Índias do outro lado. Esse é o instinto. E tudo aquilo que apareceu através dos descobrimentos tecnológicos é uma instintualidade: o faro.

É sempre muito perigoso, quando do Logos, que é uma conceituação mais ampla, se reduz apenas ao raciocínio tecnológico, comercial ou até político.

Isto se vê nos EUA naquela inclemência tecnológica, econômica, que choca tanto as pessoas. Lá estavam homogeneizando-se, com todas as consequências funestas: ficaram muito tapados. Ao mesmo tempo, espertos e inclementes e com a capacidade e a voracidade grandes. Essa é a sombra do protestantismo.

E agora tenho que dizer algo: isto muitos grupos brasileiros, empresários, tentam imitar. Não vai dar certo porque aqui a base não é protestante. Terão que transformar inteiramente. Porque existem aqui ortodoxos, muitos ortodoxos, israelitas, japoneses, não podem simplesmente implantar um sistema econômico e tecnológico do velho norte-americano. Terá que se transformar. Terá que se adaptar. Mesmo adotando seus progressos tecnológicos, estudando os sistemas econômicos, mas aqui não se trata de amalgamar diversas coisas, mas nascer algo genuíno, como tantas pessoas começam a perceber. Muitas pessoas. Até economistas, até tecnólogos começam a perceber.

Voltando à questão da instintualidade, isto não existe dessa maneira tão intensa nas mulheres. Não quero dizer que não existe. Porque em muitas mulheres existe e apareceu. Aquelas mulheres que se levantaram e foram em certa direção, seja arte, ou ciência, ou qualquer outra coisa, e não se preocuparam com o que vai dizer o mundo, mas talvez não tendo tanta

capacidade de se organizar, às vezes, emaranharam-se em diversas situações.

Agora, no ser humano, realmente existe, através de seu corpo, que é um tipo de termômetro, um tipo de barômetro, um tipo de manômetro, qualquer coisa que seja, as duas formas básicas de vivência que mobiliza essa instintualidade – a gente talvez podia chamar instintividade. Dor e alegria, isso sacou Freud de um modo muito interessante e chamava: prazer e desprazer. Mas não se trata exatamente disso, mas, como Jung às vezes aponta também, da alegria como tal, a alegria de descobrir, a alegria de encontrar algo novo, ou compor algo novo. Isto não é prazer. Ao mesmo tempo, o não conseguimento, a não realização, causa dor, que não precisa ser uma dor física. Muitas pessoas pegam logo o coração, quando estão sentindo esse tipo de dor. Mas podemos, com qualquer centro primário ou secundário, sentir essa dor. Até falam de dor de cotovelo, não? Onde temos aqui um pequeno centro.

Esses centros no corpo compõem o campo de energia humano, que está em todos os lados. Todos os lados porque uma grande parte dessas energias não está dentro do espaço e tempo.

Isto tentou descrever o próprio Ezequiel quando fala dos quatro querubins, dizendo: Quando eles andaram, andaram ao mesmo tempo, em todas as direções. É uma forma antiga, bíblica, de descrever que não estavam dentro do nosso espaço e tempo.

Agora, vejam tudo isso que relataram, essas diversas abordagens, com diversas técnicas, tudo tende a uma direção, como a gente percebe. Chegar mais perto e mais perto e mais perto, não apenas ao contato com diversas energias, mas contato com a fonte das energias. E tem fontes diferentes hierarquicamente organizadas.